

REQUIEM PELO HOMEM DO FATO CINZENTO

por JOSÉ CARDOSO PIRES

Quem não quer ser hippie também pode vestir-lhe a pele, que a sociedade de consumo agradece.

Mais: a sociedade de consumo patrocina até, com muito prazer e maior entrada de divisas, as peregrinações ao mercado turístico de Carnaby Street onde o viajante curioso pode equipar-se com os figurinos ditos «pop» lá fora e chamados «fun» cá dentro. Por conseguinte, «Welcome to Hippie Land».

CONSUMIR E CONSUMIR-SE

Alguns quilómetros a noroeste do meridiano cosmopolita de Carnaby St., na feira da ladra de Portobello Road, a juventude londrina compra casacas de generais de apagada memória, descobre *blue jeans* importados a peso dos armazéns de Hong-Kong, e saris de baixo preço; junta à composição algumas missangas, uma manta jugoslava em cotações de artesanato de propaganda e, com mais umas peças de série, organiza o revestimento do corpo e a bandeira do desprezo pelo «homem do fato cinzento».

É contra esse indivíduo neutral que a moda da juventude britânica se vem implantar. O imprevisto e a imaginação triunfam sobre as hierarquias de gosto e desmancham a feira das aparências em que a moral e a classe se harmonizavam cuidadosamente e onde todo o cidadão se identificava pelo gosto (isto é, pela educação e pelo poder de compra) com a categoria social a que pertencia. O homem do fato cinzento, que não macula a paisagem, que não colide com as convenções, passa a dar nas vistas. Retrai-se ainda mais.

Isto como primeira aproximação do problema, bem entendido. Porque se fomos mais fundo vemos que o imprevisto se tornou modelo e que a sociedade de consumo, ao sentir-se espoliada de uma hierarquia de padrões, virou costas ao homem do fato cinzento, seu atento venerador e obrigado, e criou o rendoso mercado de juventude. É sempre assim. Os tons neutros são os menos respeitados.

E então vemos a média burguesia da City, o funcionário público ou o empregado de secretaria com menos de trinta anos a abandonar o chapéu de coco e colarinho postico enquanto a juventude — massa estudantil e *filis-papá* incluídos — alinha numa identificação de gosto e de descontracção como resposta ao convencionalismo das gerações antecedentes.

Há no entanto que distinguir: se a mocidade das classes médias foi levada para novos conceitos da moda por determinantes económicas e por contestação da moral nivelada — por protesto, em suma, contra a estandardização do indivíduo — o jovem de família, o *wizz kid* adopta a linha «hippie» por rebeldia de superfície e engrandece-a com os folhos e os punhos de renda que evocam as exhibições palacianas do romantismo. É Brummel recuperado, se quiserem. A nostalgia inconsciente e o «spleen» enfrentando a idade dos computadores.

De qualquer maneira, uns e outros se misturam neste carnaval maravilhoso que é o quotidiano londrino em dias de sol como os de anora. Chelsee, numa primavera súbita, está em flor («hippies»). Moças de correia índia pela testa e rapazes de chapéus de grandes abas bebem no passeio, à porta dos *pubs*; as violas passam de mão em mão; o carro de mil remedos confraterniza com o «Lotus» ou com o «Jaguar» de série. Mini-saia, *maxi-coat*... King's Road acima, King's Road abaixo, a juventude em à-vontade desfilia por entre mon-

tras e «boutiques» do mercado que ela contesta e que habilidosamente a absorveu. Consumo e mais consumo. Nas mesas garridas do «Picasso's» e nas cadeias dos pronto-a-vestir. Nos baicões das bijuterias, no bricabraque ambulante que fornece os ornamentos provisórios (mas caros) do «hippie». Lá na esquina ergue-se o «drugstore» metalizado, com todo o seu arco-voltaico psicadélico; mais adiante uma moça vende fumos orientais e aqui, mesmo ao pé de mim, alguém apregoa um folheto sobre os macrobióticos, a última palavra da moral dietética. Consumo e mais consumo.

OS ANJOS EXTERMINADORES

Do outro lado da barricada juvenil, os inconformados dos bairros operários do East End respondem ao êxito da burguesia hippie por exhibições polarmente opostas. Há flor contrapõem a navalha, aos cabelos longos e á liberdade de vestuário cabeças rapadas (*skin heads*), cabeças de prisioneiros, e um trajar convencional reforçado por suspensórios largos e cinturas de ataque São — dizem-se, pelo menos — partidários da família, não da comunidade (embora os seus *gangs* funcionem como organizações fechadas com vida social autónoma) e empenham-se em demonstrar, sob o signo da virilidade, o papel subalterno das moças que os acompanham.

Sem teoria em que se apoiem, os *skin heads* actuam por contestação ao meio operário donde provêm, um tanto por reacção natural de geração, também e porque o sentem economicamente desautorizado em face da média burguesia, que é o grande esteio da sociedade permissiva britânica. A influência pública estudantil e a expressão hippie das camadas juvenis, tomam-nas eles como demonstrações de poder e como impunidades que tendem a relegar para um plano cada vez mais longínquo a importância reivindicativa das classes operárias (tradicionalmente combativas e agora articuladas burocraticamente pelas cadeias sindicais). É esse aparente imobilismo e é esse despeito em relação às liberdades da burguesia que no *skin head* se sublimam e se exteriorizam num desejo de violência e num apoio a todas as formas brutais de repressão. Sem uma palavra do dr. Vorster estiveram presentes nas contra-manifestações ao Springboks e quando, em avalanches punitivas, atacam os bairros de emigrantes do East End estão, sem dar por isso, a dar razão a Enoch Powell, o apóstolo das inevitáveis segregações.

Nesta cruzada de violência os anjos exterminadores não tardam. Vêm em grandes explosões de terrorismo, cavaleando motocicletas e protegidos pelos seus casacos de couro conferenciam entre eles e juntam-se aos *skin heads* como vanguarda marginal.

Ideologia, nenhuma — embora usem emblemas da Luftwaffe e cantem, como eu os ouvi cantar em Earl's Court, hinos alemães... Mas são principalmente «cavaleiros vingadores» (sic) que a si mesmo se intitulam anjos do inferno e que, diz o magazine *For-*

tune, «se orgulham de afirmar que nenhuma polícia do Mundo poderá destruir a sua fraternidade».

Hunter S. Thompson publicou um estudo elucidativo (*Hell's Angels*, ed. Penguin Books, 1970) em que se define o grau de perigosidade destes grupos ao nível da delinquência primária, sem qual quer sentido superior de contestação. Tanto podem ser anjos do inferno como escravos de Satã (designação de um subgrupo de Los Angeles) e se frequentemente alinham com os *skin heads* fazendo por analogia de violência, nada mais. Eles próprios se consideram em litígio com o *establishment* burguês (como Hitler, nos seus primeiros discursos) e contra todas as formas de contestação enquadradas por um sistema burguês (como a dos hippies, segundo afirmam). «Portanto» diz um dos *Hell's Angels* entrevistado por Thompson, «não me venham para cá com as vossas receitas nem com as vossas leis sobre o trânsito que nós sempre sobemos fazer o nosso caminho á custa dos punhos e da biqueira das botas () Já mostrámos ao país que temos vitalidade e não nos gastamos a perturbar a vida das cidades com arengas e discursatas como esses impotentes das marchas contestárias».

A RENDA E A BOTA

Como expressão de identificação com um grupo ou com uma sociedade, o vestuário reflecte concepções de cultura, de classe e de moral sexual que se ajustam ou, pelo contrário, se opõem ao *establishment*. Quando um *hell's angel* exhibe o seu casaco de couro e as suas botas fulgurantes, põe em plano de afirmação os machismos violentos que, precisamente, são recusados pelos hippies ao cultivarem a linha dos cabelos compridos, o tecido leve e oriental e toda uma gama de indescriminações entre o vestuário feminino e masculino. A renda, o bordado, a túnica e, até as próprias cores perderam os exclusivismos do sexo, universalizaram-se em nome da alearia e da liberdade da imaginação individual.

Se isto aconteceu não foi apenas por reacção às descrições sexuais mas como contestação às solicitações organizadas pelo mercado: daí o gosto anárquico, a vitória do à-vontade e do insólito contra os esquemas bem organizados do comércio. A improvisação triunfando sobre o conjunto harmónico. Do ponto de vista psicológico, o figurino hippie (na sua fase genuína, acrescenta-se) ia mais longe: era o desmanchar da autoridade credenciada pela aparência, a determinação de chocar o quotidiano na sua paisagem superficial bem composta.

Sómente, os especialistas do superconsumo, longe de se aprovarem preferiram interpretar o gosto dos rebeldes. Desenvolver-lhes as tendências, explorar-lhes as ousadias. Surgiu assim um novo e sensacional mercado que acabou por monopolizar (e alienar) uma grande parte da juventude, uma nova bolsa que depois do cinema, do disco e das cacafnqueis veio atribuir cotações fabulosas a um poder de compra que se julgava exangue. Carnaby Street aí está para o provar.

Londres, Maio de 1970

Forrest